

Ainda que seja estranho ou atemorizador discutir ideias de um professor, eu os convido a fazer uma reflexão sobre a noção de ecologia dos sentidos, a partir de um ponto de vista que rejeita a ideia de separação da cultura com a natureza. Além disso, debater suas relações com a questão ética.

A noção da ecologia dos sentidos propõe uma explicação dos processos de comunicação a partir de uma proposta construtivista-crítica, apresentando natureza (representada através da afetividade e das cognição) e cultura (compreendida em suas dimensões éticas e políticas) como instâncias intimamente inter-relacionadas. Fortemente embasada no construtivismo de Piaget, considera que o conhecimento se dá nem somente na mente do observador, nem exclusivamente no mundo que se apresenta a ele, mas no entre que se estabelece como consequência das relações entre esses dois entes. É, portanto, nesse entre que a possibilidade do conhecimento se dá, através da comunicação. Com base também no trabalho de Habermas, propõe a racionalidade comunicativa, embasada na troca colaborativa de valores, como base para uma dimensão ética da abordagem.

Nesse texto, Habermas discute relações entre crença e agir racional. Quais são, afinal, as relações entre essas questões e suas consequências sobre a problemática da ética?

Algumas considerações sobre a leitura do texto de Habermas, no que concerne à ética: segundo o autor, antes do advento do Iluminismo, que se contrapôs ao domínio do pensamento religioso como base filosófica, as normas morais e éticas eram determinadas com base em preceitos religiosos, transmitidos por uma autoridade divina, portanto, inquestionáveis e fundados em uma verdade única e transcendente. Referindo-se ao colapso das bases religiosas, Habermas questiona: qual a origem possível das normas morais e éticas, agora que não se torna mais possível recorrer à autoridade divina transcendente? Como estas normas podem resguardar, ao mesmo tempo, as liberdades individuais e os laços sociais? Ele oferece, então, a ideia de que essas normas seriam construções, baseadas em acordos validados socialmente e numa verdade imanente, co-criada na convivência, através da mediação da linguagem. Propõe, portanto, uma ética do diálogo, fundada no que ele chama de intercompreensão argumentativa, que considera a alteridade, ou seja, a inclusão do outro a partir de suas próprias bases. Neste ponto, gostaria de explorar mais o contato que entrevi entre as ideias de Habermas e as de Buber, especialmente em relação ao contraste que o primeiro autor apresenta entre o que chama de processos argumentativos, ou seja, dialógicos e cooperativos, que, a meu ver, remetem à ideia buberiana da relação Eu-Tu; e os processos instrumentais, manipulativos e coercitivos, remetendo ao conceito de Eu-Isso.

Ambos autores lidam com a problemática da ética. Habermas, através da ideia de que toda o agir implica uma ética. Campos, de que toda comunicação implica também uma ética. Discuta as relações entre agir e comunicação. É possível separá-los?

Essa questão, trazida por ambos os autores, me remete aos meus estudos de não-violência, que é, para mim, uma importante ética do viver e do relacionar-se, incluindo a alteridade e a cooperação. Neste ponto de vista, os fins são indistinguíveis dos meios e a ética é principiológica, sendo o que orienta os pensamentos, palavras e ações. Ou seja, não há como agir não-eticamente esperando atingir resultados que contribuam para o bem comum. A comunicação, sendo ação no mundo, também é regida pela mesma lógica.